

Elementos para a história da rádio no Porto. Os 60 anos dos Emissores do Norte Reunidos.

Rogério Santos

[Colóquio Internacional Comunicar, Museu das Comunicações e Transportes, Porto, 25 de fevereiro de 2013]

Em dezembro de 1955, um novo emissor de ondas médias de 100 quilowatts chegava a Miramar (Rádio Clube Português) e iniciava ensaios. Para recolher opiniões sobre a qualidade da emissão, transmitiam-se mensagens em português, castelhano, francês e inglês dentro da programação. O emissor de Miramar ficava entre as 18 estações de maior potência das 650 existentes na Europa. Isto era uma boa notícia para os ouvintes que até aí não recebiam os programas da estação em boas condições e uma oportunidade para os comerciantes venderem mais recetores de rádio.

O Rádio Clube Português arrancava para um segundo ciclo de crescimento. Depois de 1931 e anos seguintes na obtenção da notoriedade pública, com realce para a música popular portuguesa transmitida, a par da posição política de Jorge Botelho Moniz favorável aos franquistas na Guerra Civil de Espanha, a estação encetava uma estratégia moderna. No momento do lançamento do potente emissor de Miramar, o Rádio Clube Português reunia os seus sócios em assembleia-geral e aprovava a mudança de estatutos, passando de associação a sociedade cooperativa de responsabilidade limitada.

Qual a razão principal desta mudança? Estava a formar-se a Radiotelevisão Portuguesa (RTP), que contava muito com o empenho de Marcelo Caetano, então ministro da Presidência. Dos sessenta mil contos de capital inicial da RTP, um terço fora atribuído às estações de rádio. O Rádio Clube Português chamou os seus associados e fez uma recapitalização do clube agora empresa. Criou-se um Fundo Social, com a participação dos sócios, “feito por meio de ações, rigorosamente na proporção das jóias e cotas pagas desde a data de admissão

até ao final deste ano”¹. Resultado: o Rádio Clube Português tornou-se o maior acionista privado da televisão de entre as estações de rádio, injetando 9260 contos no capital social da RTP. Tal permitiu a colocação do major Jorge Botelho Moniz no conselho de administração da novel empresa. Os outros dois terços eram detidos pelo Estado e pela banca, através de subscrição pública de pequenos aforradores. A importância de Botelho Moniz foi tão significativa que ele sugeriu a criação de uma comissão encarregada de indicar os vencimentos dos elementos da administração. A televisão, com estatuto semi-público, começava por ser liderada pela rádio. Embora provisória, a sede estava simbolicamente na rua do Quelhas, em Lisboa, onde funcionava a Emissora Nacional.

Emissores do Norte Reunidos: exemplo de sucesso popular

A segunda estação de rádio que mais dinheiro pôs no capital social inicial da RTP foi um grupo de rádio do Porto, os Emissores do Norte Reunidos, com 2310 contos. Aos Emissores do Norte Reunidos pertenciam cinco estações: Ideal Rádio, Rádio Porto, Rádio Clube do Norte, Electromecânico e ORSEC (Oficinas de Rádio, Som, Eletricidade e Cinema), as quais emitiram até ao final de 1975, quando a nacionalização da rádio as integrou na chamada RDP. Esse valor elevado foi obtido através de empréstimos da banca, considerado um investimento.

A exemplo dos Emissores Associados de Lisboa, que, no final de outubro de 1950, juntaram Rádio Peninsular, Voz de Lisboa, Rádio Acordeon, Rádio Graça e Clube Radiofónico de Portugal², os Emissores do Norte Reunidos agruparam-se em fevereiro de 1953 (Rádio Porto, ORSEC, Manuel Moreira, Ideal Rádio e Sá, Quaresma e Companhia), com quotas por sócio em partes iguais para um capital social de 450 contos³. A gerência coube a Rádio Porto. Até aí, com a designação de postos centralizados do Porto, emitiam poucas horas ao dia em diferentes frequências. A convenção europeia de redistribuição das frequências

¹ *Diário de Notícias*, 7 de dezembro de 1955 (comunicado aos sócios).

² *Rádio Nacional*, 4 de novembro de 1950. Nessa altura, a Rádio S. Mamede cessou a sua atividade (tivera problemas políticos ao apoiar a campanha eleitoral de Norton de Matos). Logo depois, a Rádio Acordeon integrou-se na Rádio Peninsular.

³ *Rádio Nacional*, 21 de fevereiro de 1953.

(Plano de Copenhaga) obrigou-as a emitir numa só frequência (1602 quilociclos por segundo)⁴. A emissão passou a ser em regime de rotação, com duas a três horas diárias em horários diferentes ao longo da semana. Ao ficarem associados, isso resultou numa poupança de recursos: a antena montada em Canidelo, Vila Nova de Gaia, garantia sinal forte para uma zona de influência abrangendo o país a norte do rio Mondego. Cada estação tinha os seus estúdios, que funcionavam nos locais onde mantinham, em regra, lojas de eletrodomésticos associadas à estação. Mais tarde, concentraram os estúdios num edifício alto da rua da Alegria na confluência daquela rua com a de D. João IV, no Porto, embora pudessem manter estúdios próprios nas suas sedes.

Os Emissores do Norte Reunidos tornaram-se um modelo de sucesso a nível local e regional, reconhecido nos bairros populares do Porto, caso de programas como *Festival*, aqui não analisado, implementando um gosto estético de cultura popular, de certo modo antitético da Emissora Nacional e do Rádio Clube Português, procurando excluir a ideologia estadonovista, apesar de influenciado, da primeira, e da música estrangeira, em especial a de marca anglo-americana, do segundo. Uma estrutura de comando central, em que as estações mantinham independência de programação e financeira funcionava como modelo próximo daquele que o Rádio Clube Português iria ensaiar ao longo da década de 1960, quando alugou a produtores independentes diversas horas diárias, garantindo um rendimento estável e negociável contrato a contrato.

Havia consciência da dimensão mais pequena do mercado portuense face ao de Lisboa, explorado na relação entre programas de duração mínima, que iam desde os quinze minutos, com espetáculos ao vivo e transmitidos em diferido⁵. Os locutores que apresentavam artistas em palco e no estúdio, garantiam a popularidade e a identidade com cada estação, numa espécie de comunidade (os de “cá”) diferenciada das estações nacionais como a Emissora Nacional e o Rádio Clube Português (os de “lá”). A publicidade era, basicamente, local, criando, assim, laços de proximidade com comerciantes e clientes via rádio. A edição fonográfica, vinda da década de 1940 mas mais forte nas décadas de 1960

⁴ *Rádio Nacional*, 25 de março de 1950. O Portuense Rádio Clube tinha uma frequência própria, a de 1562 quilociclos por segundo. Os Emissores Associados de Lisboa funcionavam na frequência de 1594 quilociclos por segundo.

⁵ Embora este modelo tivesse igualmente vingado nas estações “minhocas” de Lisboa.

e 1970, foi outro elemento pertencente desta estrutura de indústrias culturais. O dinamismo empresarial na rádio não se repetiu na televisão, apesar de as estações apostarem inicialmente na RTP, à espera do crescimento ou envolvimento empresarial, que acabou por não acontecer.

Portuense Rádio Clube: exemplo de fracasso e morte

Agora, vou deter-me na história de uma emissora de rádio que tinha todas as condições para triunfar mas fracassou: Portuense Rádio Clube. Em 27 de maio de 1937, um grupo de personalidades do Porto fundara uma associação cultural e de recreio com aquela designação, com sede na rua de Santo Ildefonso, 14, 1º, Porto. O primeiro nome inscrito na associação foi o capitão de artilharia Rogério Marques de Almeida Russo. Dos 48 fundadores, incluíam-se o governador civil do Porto e os comandantes da Região Militar e da Polícia de Segurança Pública.

Ao Portuense Rádio Clube foi atribuído o indicativo radifónico inicial CS2XL, depois alterado para CSB6. Começou a emitir em 20 de novembro de 1938, no primeiro andar da rua Sá da Bandeira, 339, no Porto, às quintas-feiras e domingos, sob orientação e responsabilidade de Rogério Russo. A 30 de março de 1939, as instalações passaram para a rua de Entreparedes, 3, 2º, com um novo emissor, e, a 1 de maio, fixaram-se na avenida Rodrigues de Freitas, 374, com outro emissor, agora comprado por quinze mil escudos a Abílio Gomes, da Rádio Sanjoanense, de S. João da Madeira. Ainda em 1939, a 15 de novembro, o Portuense Rádio Clube passou a estação centralizadora dos emissores particulares do Porto, justificação da sua importância na época. Rogério Russo adquirira os primeiros 200 discos do Portuense Rádio Clube, no valor de 500 escudos, na Casa Figueiredo, na rua de Santo António, atual 31 de Janeiro (Porto). Mais 200 discos, também no valor de 500 escudos e na mesma loja, foram pagos a prestações⁶. Depois, na convenção de Copenhaga (1950), o Portuense Rádio Clube manteve uma frequência distinta da dos Emissores Norte Reunidos.

⁶ Russo, 1955: 128.

O Portuense Rádio Clube era “uma rádio e era um clube ao mesmo tempo” – confessou Júlio Guimarães⁷, uma das vozes de locução mais conhecidas no Porto durante décadas e cantor de tangos, com discos gravados em 78 rotações por minuto, e profissional na Hidroeléctrica do Douro, muito depois integrada no grupo EDP. Para ele, a estação era o local “onde as pessoas se juntavam todo o fim-de-semana para jogar pingue-pongue, damas, ou dançar, muito principalmente. Foi aí que me tornei dançarino emérito”. De acordo com o mesmo locutor, o

“Portuense Rádio Clube ficava situado na avenida Rodrigues de Freitas, perto da Batalha. Já naquela época, em 1944, havia variedades todas as quintas-feiras à *noute* e havia assistência. Isto é, havia uma sala preparada para que as pessoas que quisessem fossem assistir ao vivo aquele espetáculo. Em 44, havia rádios com auditórios. [...] O Clube dava recreio aos seus associados, nomeadamente os bailes dançantes. E fazia-se rádio todos os dias”⁸.

O primeiro disco de Júlio Guimarães tinha quatro títulos: *Braga, Canção a Portugal, Impaciente, Saudade de Alguém*. A música de maior impacto foi o tango *Impaciente*, resultado da parceria com o compositor Carlos Canelhas. Em termos de sucesso:

“Tinha muita comunicação com os ouvintes, em especial as ouvintes. Um sujeito a cantar e a falar e a meter aqueles discos com títulos carregados de sentimento e palavras de amor que cobra. Não caíam para o chão, não desmaiavam. Levavam-me flores, um bolinho de vez em quando para comer, dádivas. Gostava que me levassem coisas de comer porque o dinheiro não me sobrava. Uma coisa que não deixo de dizer em desfavor de mim próprio, mas corresponde à verdade: é que elas encantavam-se com aquele rapaz que falava e cantava razoavelmente mas quando olhavam para mim diziam «ah, você é que é aquele»? Como quem diz: o original não corresponde aos elementos recebidos. Esperavam que fosse um homem alto, louro, de olhos azuis, e saiu um tarreco de 1,69, feinho. Havia um

⁷ Entrevista com profissionais da rádio no Porto (Júlio Guimarães), por Luís Garlito, em 9 de novembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14946).

⁸ Entrevista com profissionais da rádio no Porto (Júlio Guimarães), por Luís Garlito, em 9 de novembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14946).

primeiro impacto que me era desfavorável. Depois tinha de vencer essa onda com o meu poder de comunicação e aí era forte”⁹.

Carlos Silva, outra voz da rádio portuense e que irei destacar mais à frente, recorda a sua ligação: “Eu gostava muito de bailes, andava sempre atrás de bailaricos. Um dos bailaricos era o do Portuense Rádio Clube, bailes todos os fins de semana aos sábados e domingos”¹⁰. Manuel Coimbra, seu colega de bailaricos, disse-lhe um dia: “sabes que o Portuense Rádio vai abrir vagas para locutores”? Carlos Silva não queria concorrer mas acabaram por ir os dois e ficar apurados. Conta Carlos Silva: “Eu comecei a fazer uns anúncios, que era como se dizia naquela altura. Fazia uns anúncios, lia uns anúncios”.

Uma terceira voz da rádio, Rui de Melo, explicita de outro modo o Portuense Rádio Clube. Em 1947 ou 1948, ele seria colocado “em cima uma cadeira para chegar ao microfone, portanto [tinha] cinco, seis anos, não faço a mínima ideia. Sei que já sabia ler”¹¹. Então, fez

“o papel de uma criancinha que tinha sido mordida por um cão. O programa era uma homenagem ao Pasteur, e à divulgação da vacina contra a raiva. Por aí já vê que havia uma certa preocupação de os radioteatros da altura, o Portuense Rádio Clube, terem alguma cultura. A memória que eu tenho de todos os ambientes era a existência de programas em direto, programas de variedades, fados e guitarradas, com orquestras mais ou menos improvisadas, que eram promovidos. O Portuense Rádio Clube tinha umas instalações únicas [...] e tinha um jardim e lá dentro um salão. E se estivesse bom tempo o espectáculo decorria no jardim. Se o tempo estivesse com dúvidas decorria no salão. Depois lembro-me também dessa fase do Electromecânico que era na Rua de Santa Catarina, por cima da Confeitaria Atlântica, e que também tinha um salão e uma esplanada. Digamos que se repetia o cenário. Se estivesse mau tempo, o espectáculo decorria no salão, se estivesse bom tempo, era cá fora. A Ideal Rádio não. Os estúdios da Ideal Rádio eram muito pequeninos”¹².

O pai de Rui de Melo, Benjamim de Melo, colaborava com o Portuense Rádio Clube, através da retransmissão pela rádio de espetáculos no Palácio de Cristal

⁹ Entrevista com profissionais da rádio no Porto (Júlio Guimarães), por Luís Garlito, em 9 de novembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14946).

¹⁰ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

¹¹ Entrevista de Rui Melo concedida ao autor em 25 de junho de 2012.

¹² Entrevista de Rui Melo concedida ao autor em 25 de junho de 2012.

com artistas de renome nacional que ele contratava, como Tony de Matos, Francisco José ou Carlos Ramos. Outro espaço para espectáculos era o parque das Camélias, muito próximo da Praça da Batalha, hoje um centro de camionagem, onde se distinguiu o empresário Domingos Parker, com *A Hora do Garnizé*, ainda antes de Fernando Gonçalves ter o *Festival* no cinema Vale Formoso e, a seguir, no teatro Sá da Bandeira. Ambos disputavam tendências musicais e públicos populares, com apelo a artistas de maior projeção como Amália Rodrigues ou Maria Adalgisa Costa, esta vinda do Coro Feminino da Emissora Nacional, mais tarde casada com Fernando Gonçalves e com carreira profissional futura em Moçambique, de onde regressou após a descolonização e se fixou na zona de Setúbal, onde foi locutora da Rádio Azul. Maria Adalgisa obteve muito êxito com *O Meu Amor é Pequenino Como um Grão de Arroz*, de José Belo Marques, habitualmente conhecido na versão orquestral cantada por Amália Rodrigues.

Em 1939, quando o Portuense Rádio Clube se constituiu como emissora centralizadora, foi criado um conselho técnico. As boas condições organizativas e técnicas do Portuense Rádio Clube levaram muitos artistas a escolher a estação para gravação de discos. António Correia, tesoureiro e técnico de som do Portuense Rádio Clube, registou em disco as vozes de Amália Rodrigues e de Maria Clara¹³. A estação promoveu múltiplas iniciativas culturais e recreativas: Maria Amélia Canossa foi revelada em concurso de novos talentos; a Festa da Rádio (12 de junho de 1946) reuniu no Coliseu do Porto artistas como José António, Irmãs Meireles, Maria Gabriela e Maria da Graça. O Portuense Rádio Clube teve locutores famosos como Fernando Gonçalves, Carlos Silva e Humberto Branco. Na mesma emissora, Domingos Parker foi expulso e readmitido em 1945, tendo chegado a administrador do edifício do Monte da Virgem¹⁴, mais tarde vendido após o desaparecimento da estação por perda de licença, como escrevi acima.

Um dos associados mais conhecidos que se incompatibilizou com Rogério Russo, o primeiro fundador da estação, foi Manuel Correia de Brito (morreu em 2009), diretor de produção e igualmente membro da direção do Portuense. Ele

¹³ <http://telefoniam.no.sapo.pt/radioporto.htm>, acedido em 13 de novembro de 2012. Parte da informação contida no parágrafo foi retirada deste sítio da internet.

¹⁴ Russo, 1955: 124. No texto, não há indicação expressa de Domingos Vieira “Parker”.

fora consagrado hoquista do Estrela e Vigorosa Sport Clube, do Académico Futebol Clube e da seleção da Associação de Patinagem do Norte e selecionador nacional da modalidade. Depois, do desaparecimento do Portuense, notabilizou-se na rádio no papel do menino Quim (espécie de réplica do menino Tonecas, de José de Oliveira Cosme) – de que não haverá nenhum texto escrito guardado para a posteridade – e na imprensa, como colaborador do jornal *O Comércio do Porto*.

A estação estava na vanguarda das realizações radiofónicas. Por exemplo, a 24 de maio de 1953, a partir do Funchal, fez a transmissão integral e em direto do encontro de futebol Marítimo-Futebol Clube do Porto, para a Taça de Portugal. Para isso, deslocaram-se três colaboradores: Jorge Lara (repórter), Jerónimo Matos (locutor) e Peixoto Alves (técnico). Antes do relato, a emissora propunha-se transmitir “uma gravação dos acontecimentos festivos em torno do F. C. do Porto na Madeira”¹⁵. Apoio publicitário: C. Santos, Philips, Auto-Lux, Rocha Brito, Armazéns do Anjo, Suil, A Confidente, Cyma, Relojoaria Suíça, Central dos Lóios, Esplanada do Marquês e outros. Alguns meses antes, o Portuense Rádio Clube concluíra um edifício no alto do Monte da Virgem (Vila Nova de Gaia), onde ficaria a antena de emissão, símbolo da organização da rádio, franqueado ao público durante a tarde do dia da sua inauguração¹⁶.

O Portuense Rádio Clube poderia nesta cidade representar um papel idêntico ao do Rádio Clube Português. Tinha uma origem social de fundadores similar à da estação da Parede, Cascais, com militares, responsáveis das forças de segurança, comerciantes, industriais, tinha uma base importante de ouvintes e um espaço de angariação de simpatizantes, o dos bailes e das atividades festivas na sede, e tinha uma programação diversificada. Por exemplo, *A Voz dos Ridículos*, que falo mais à frente, nasceu ali.

Porquê as desavenças que ditaram o seu desaparecimento? Os anos de atividade durante a II Guerra Mundial foram difíceis pelos fracos proveitos económicos. A publicidade nas rádios particulares fora autorizada no final de 1948, com efetivação em abril de 1949, apesar de tolerância quanto a essa matéria desde 1946, nomeadamente no Porto. Rogério Russo, o primeiro sócio da emissora, foi

¹⁵ *O Comércio do Porto*, 24 de maio de 1953.

¹⁶ *O Comércio do Porto*, 20 de janeiro de 1952. Curiosamente, essa foi a data de inauguração da primeira central telefónica automática na rua da Picaria, Porto.

afastado. Ele acusara a direção da estação de, em 1945, ter traçado uma linha contrária ao espírito inicial do Clube, associação recreativa sem objetivos de lucro, que procurava passar a uma entidade comercial. A hipótese de ganhar dinheiro através da publicidade tornava aliciante a atividade¹⁷. Rogério Russo exerceu gratuitamente as funções de diretor da emissora, subordinado à Direção, desde 21 de janeiro de 1939. Em 30 de janeiro de 1941, entrou para a Direção do Portuense Rádio Clube com a função de tesoureiro, passando para presidente da Direção e reeleito nesta função, acabando a sua ação em setembro de 1945. Já em finais de 1939, fora aprovada uma decisão em que a todos os credores do Portuense Rádio Clube fosse atribuída a taxa de juros de 5% ao ano, sobressaindo entre vários nomes o de Rogério Russo, com 18 mil escudos de valores em débito, o valor mais elevado.

Russo tinha um pensamento oposto ao de Botelho Moniz, do Rádio Clube Português, que soube e teve tempo para fazer o *aggiornamento* de um clube para uma empresa, que lutou pela publicidade nos programas desde a década de 1930, ampliando os apoios políticos, e se envolveu em projetos ambiciosos como o de capitalista da televisão. Em vez de unir, como Botelho Moniz, Rogério Russo separou. Ao fazer campanha nos jornais contra a direção do Portuense Rádio Clube, mesmo que lhe assistisse alguma razão, trouxe o descrédito à estação.

A assembleia-geral do Portuense Rádio Clube em 1952 nomeou novos corpos gerentes, ficando Fernando de Castro Pires de Lima como presidente da direção, afastado logo de seguida, e João Pereira de Lima como primeiro vice-presidente e com poderes de facto de presidente¹⁸. Embora recuando ao ano de 1948, foi em 1952 e prolongada em 1953, que rebentaria a polémica de transformar o clube em sociedade por quotas, os “Amigos do Portuense”, proposta defendida por João Pereira de Lima e outros membros da direção da estação. Do outro lado, a oposição de Rogério Russo e dois outros sócios: José Marques das Neves e Constantino José Gomes. Em causa, a aquisição de um novo emissor, após o fim do regime de centralização das emissoras particulares, para o que era necessário realizar dinheiro. Inicialmente, pensara-se num emissor de 20 quilowatts, baixando depois as expectativas para 10 e cinco quilowatts, no

¹⁷ Russo (1955).

¹⁸ Russo, 1955: 19.

momento em que o Rádio Clube Português projetava um emissor de 100 quilowatts. Embora sob hipoteca, foi adquirido um terreno de sete mil metros quadrados no Monte da Virgem (Vila Nova de Gaia) e construído um edifício para instalar toda a atividade do Portuense Rádio Clube. O atraso na compra do emissor, a avaria no primeiro equipamento e a instalação do novo emissor fez passar tempo e caducar a licença (final de março de 1954). Em abril de 1955, a Emissora Nacional adquiria o terreno para aí instalar o emissor de frequência modulada para a região do Porto¹⁹.

Acabava-se o sonho de uma estação que poderia rivalizar com o Rádio Clube Português. Os últimos momentos de atividade do Portuense Rádio Clube seriam patéticos, revelando um desfasamento total entre duas situações distintas: a dos sócios do clube e a dos objetivos empresariais. A direção de João Pereira de Lima propusera-se hipotecar os valores imóveis do Clube a um credor, que emprestaria duzentos contos sem juros para a compra do novo emissor. Os jornais deram conta de um empréstimo a Maria Adelaide Neves Girão de Lara Everard, de facto destinado ao seu marido, Jorge Manuel Silveira Barradas de Lara Everard, de quem se separara há mais de três anos. Jorge Lara fazia parte da direção do Portuense Rádio Clube em 1953. O empréstimo destinar-se-ia ao financiamento do novo emissor: 200 contos como primeira tranche para comprar um emissor de 10 quilowatts, ao preço de 800 contos. O Portuense Rádio Clube não dispunha de dinheiro suficiente mas contava com o “bairrismo da gente do Norte”, como as dez mil assinaturas de ouvintes que pediam o regresso das emissões²⁰. A recolha de fundos em 1951 para o novo emissor rendeu pouco mais de 28 contos. Entretanto, o número de sócios baixara de cerca de mil e duzentos em final de 1950 para cerca de quarenta em 1952. Cada sócio pagava uma cota mensal de 2\$50.

Teatro radiofónico

A partir da década de 1950, a rádio expandiu as suas horas de emissão. Um dos horários a ter grande aceitação foi o da tarde, que incluía rubricas destinadas à mulher, como o convencionado teatro Tide. O Tide é uma marca de detergente

¹⁹ *Diário de Notícias*, 6 de abril de 1955.

²⁰ *Jornal de Notícias*, 24 de abril de 1954.

que começou a publicitar os seus produtos em 1955 sob o slogan *Tide a Lavar e Eu a Descansar*²¹. Seria essa marca de detergente, em momento de viragem do consumo de produtos para a lavagem da roupa, do sabão para produtos em pó, a patrocinar os folhetins das 14:30, e que tiveram um grande êxito radiofónico. Os folhetins radiofónicos duravam 20 minutos diários e conseguiam “juntar as senhoras à volta de altifalantes na praia para ouvirem a sequência dos episódios do Teatro Tide. As praias na Foz tinham uma instalação sonora”²².

Uma das histórias mais célebres seria a *Força do Destino*, iniciada na Rádio Graça, mais conhecida pela coxinha do Tide, com trezentos episódios, de segunda-feira a sábado²³. A *Força do Destino* era um folhetim de origem sul-americana, traduzido por Eduardo Damas e Manuel Paião²⁴, onde se contava a história de Margarida, uma mulher com um defeito numa perna, por quem um médico, Humberto Figueirola, se apaixonou e a operou com êxito. Figueirola era casado com Raquel, prima de Margarida e mulher má²⁵. Depois de muitas peripécias, Raquel morreu e Margarida casou com o médico, de quem teve uma filha.

Lily Santos, a filha do proprietário da Rádio Graça, que fez o papel da coxinha Margarida, lembra como aquela estação começou a crescer e a dar emprego a toda a família, exemplo que pode ajudar a compreender igual evolução em rádios portuenses como a Ideal Rádio e a Electromecânico:

“[Era] uma coisa muito pequenina. Tínhamos só o emissor e o *pickup* e essas coisas. Então, o meu irmão pequenito [Alberto Santos] é que ajudava a minha mãe [Alice Santos]. Entretanto, aquilo foi aumentando. Por fim, o meu pai [Américo Santos] põe-se assim para o meu irmão... o meu irmão já estava com doze anos... e o meu pai: “o melhor é começares a fazer locução. [...] o meu irmão começou a fazer locução talvez aí aos seus dezassete anos. [...] A princípio, o meu pai, antes do meu irmão fazer locução, o meu pai era locutor. A seguir à minha mãe, o meu pai abandonou as suas funções e passou a tomar conta só da estação porque aquilo começou a tomar um

²¹ *Diário de Notícias*, 25 de julho de 1955.

²² Entrevista de Rui Melo concedida ao autor em 25 de junho de 2012.

²³ Matos Maia (1995: 203).

²⁴ Entrevista com Lily Santos, Ricardo Isidro e Octávio Frias, por Luís Garlito, em 28 de setembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14919).

²⁵ Matos Maia, 1995.

grande rendimento, que o meu pai teve de largar o seu trabalho” (Lily Santos Frias)²⁶.

Octávio Frias, o sonorizador do folhetim e que viria a casar com Lily Santos, também recordaria o folhetim e o modo como ele se disseminou pelas várias rádios:

“Começámos, por exemplo, à quarta-feira às dez da noite e acabávamos aí às quatro ou cinco a gravar só a parte de interpretação. E depois era feito comigo a parte de sonorização, de montagem, de ruídos que, naquela altura, eram muito difíceis de arranjar. Tínhamos por vezes de fazê-los diretamente e depois eram feitas as cópias para os Emissores Associados de Lisboa e Rádio Clube Português e Emissores Norte Reunidos” (Octávio Frias)²⁷.

A longa referência à Rádio Graça, a popular estação da rua da Verónica, quase em frente à escola secundária Gil Vicente, entre o largo da Graça e a Campo de Santana, perto da igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, serve de termo de comparação com as estações populares do Porto dessa época, com programação popular (folhetins, música popular, discos pedidos, programas de futebol (através das Produções Lança Moreira, conhecido antes de Artur Agostinho e a Sonarte), muita publicidade, campanhas de solidariedade para os pobres e as suas instituições, como a Casa do Gaiato) e estruturas familiares de apoio à estação. Júlio Silva era o rosto da Ideal Rádio, Manuel Moreira no Electromecânico, os irmãos António e Manuel Oliveira na ORSEC, António Rodrigues na Rádio Porto. Deste último, estabeleço a ponte com Carlos Silva, a seguir. Foi na gloriosa década de 1950 que os relatos passaram a ser transmitidos na íntegra. Até então, era dado um resumo da primeira parte e relato da segunda parte, isto porque os clubes temiam perder espectadores se o relato fosse transmitido totalmente na rádio. Foi Domingos Lança Moreira o precursor do relato completo.

Última Hora, programa de Carlos Silva na Rádio Porto (1953)

²⁶ Entrevista com Lily Santos, Ricardo Isidro e Octávio Frias, por Luís Garlito, em 28 de setembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14919).

²⁷ Entrevista com Lily Santos, Ricardo Isidro e Octávio Frias, por Luís Garlito, em 28 de setembro de 1993 (Arquivo da RTP AHD 14919).

O mercado radiofónico no Porto começou a ser atraente para as empresas comerciais e para as agências de publicidade, a partir de 1953. A estrutura Emissores do Norte Reunidos atraía publicidade e permitia uma programação ao longo do dia. Ao mesmo tempo nascia um outro fenómeno, o do alargamento de horários de emissão. O grupo de estações dos Norte Reunidos, nessa altura, tinha mais horas diárias de emissão que a Rádio Renascença, por exemplo.

Para Rui de Melo, quando era pequeno, as emissões começavam às seis da tarde e acabavam às dez da noite, onze²⁸. Depois, os horários dilataram-se para a manhã, a tarde e a madrugada. No Rádio Clube Português, ocorreu um fenómeno curioso. Um programa matinal muito conhecido foi o *Talismã*. Entretanto, a emissora passou a abrir mais cedo, com o programa *Onda do Optimismo*. Os produtores do *Talismã* propuseram iniciar ainda mais cedo a emissão. A partir daí, a *Onda do Optimismo* ficou encaixada entre o *Talismã* mais matinal e o *Talismã* mais tardio.

Um horário inovador foi o da noite. A reorganização das rádios particulares no Porto, com a criação dos Emissores do Norte Reunidos, permitiu sonhar com o alargamento de horários de emissão. Em 1953, faz agora sessenta anos, um jovem radialista, Carlos Silva, começava o seu programa *Última Hora*, que emitia entre a meia noite e a uma da madrugada, horário que se alargaria depois até às três da madrugada. Como era? Para Rui de Melo, o programa tinha

“música daquele momento. Marino Marini, música italiana. Timidamente começavam a aparecer os Pat Boone, Paul Anka, o Elvis. O Elvis fazia muito barulho, quer dizer, aquilo tinha de ser bom, tinha de ser cantável. [...] Era música muito bem selecionada. Escolha do realizador. E com outra particularidade que era: os textos publicitários eram literários. Eram diferentes de tudo o que se fazia na altura em termos de publicidade. Daí que... e só se transmitia um spot de disco para disco. Não havia mais nada. Era aquilo, uma coisa pequenina, 15, 20 segundos, de forma a não incomodar o ouvinte, e, pelo contrário, a atrai-lo pela frase, pela elaboração literária, muito com imagens metafóricas a sugerirem várias coisas, e que, no final, lá vinha a publicidade”²⁹.

²⁸ Entrevista de Rui Melo concedida ao autor em 25 de junho de 2012.

²⁹ Entrevista de Rui Melo concedida ao autor em 25 de junho de 2012.

Como via o programa o seu autor? Nascido em 1926, com a frequência da escola comercial, Carlos Silva começou a trabalhar aos catorze anos, primeiro numa drogaria, a ganhar dez tostões por dia, depois prestando apoio a uma editora de anuários e a uma sociedade de advogados, chegando a vendedor das máquinas de costura Oliva. A sua ligação à rádio deu-se, como disse acima, a ler anúncios. Por isso, ele desenvolveu uma relação próxima à feitura de publicidade. Aliás, ele orgulha-se de possuir um cartão de visita que diz: “Carlos Silva, locutor e vendedor das máquinas Oliva”.

Depois do Portuense Rádio Clube, colaborou com o Rádio Clube do Norte e a Rádio Porto, onde ficou como profissional a tempo inteiro, transitando para os Emissores Norte Reunidos e, quando estes foram comprados pela Emissora Nacional, para esta e para a RDP, na nacionalização da rádio em dezembro de 1975. No Rádio Clube do Norte, trabalhou de perto com Ilídio Inácio, nome significativo do panorama radiofónico portuense, especializado em folhetins radiofónicos, tendo muitos artistas colaborado com ele. Para Carlos Silva, como eram comerciantes, os proprietários das rádios queriam “ganhar dinheiro. Eles vendiam rádios e vendiam isto e aquilo. Às vezes, era o género de dez minutos, quinze minutos de anúncios. E muito mal feitos”³⁰. No conjunto das estações particulares da cidade, a Rádio Porto seria diferente, de clientela “muito selecionada”. Com loja de eletrodomésticos e escritórios na rua dos Clérigos, vendia, numa dada altura a marca de rádio Ornifon. “Ainda hoje – conta Carlos Silva –, há um senhor que sempre que passa por mim: «oh, Ornifon é um rádio que é bom»”³¹.

O programa *Última Hora* começou após o abandono da exploração do horário da meia noite à uma por parte do jornalista Militão Porto (*Hora Agá*)³². Ninguém acreditava que um programa a principiar à meia-noite tivesse ouvintes. Conta Carlos Silva:

“Quando ele [Militão Porto] acaba o programa, eu já não sei esses pormenores, vou ter com o senhor Rodrigues: «oh, senhor Rodrigues, eu queria fazer o programa do senhor Militão». «Tu és doido? Então não viste que ele... A fazer o quê»? «Oh, senhor [António] Rodrigues, deixe-me

³⁰ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

³¹ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

³² Iniciado em 1 de março de 1953 (*O Comércio do Porto*, 26 de fevereiro de 1953).

tentar». «Tu vais-te meter numa, tu vê lá». «Senhor Rodrigues, faça-me um preço jeitosinho. Eu já tenho anúncios para o programa». «O quê, tu já tens anúncios, mas eu disse-te alguma coisa que ias fazer o programa»? «Oh, senhor Rodrigues, eu arranjei clientes. Já tenho anúncios para pagar uma certa importância». E, então, alugaram-me aquela hora, baratíssima. Mil escudos ou não sei o quê. E eu tinha realmente anúncios para aguentar aquilo. E, além disso, estava lá dentro. Discos eram os discos daquela gente toda”³³.

O programa tinha nomes como Olga Cardoso, locutora depois muito popularizada no programa *Despertar*, na Rádio Renascença, e rubricas semanais assinadas por colaboradores como Carlos Sousa e Antero Rebelo. Lê-se num jornal: “o programa começa a desenrolar-se, bem acompanhado por uma ótima voz de locutor, com música escolhida e publicidade bem doseada, sem fatigar”³⁴. Já nessa altura, o realizador e locutor do programa, projetava introduzir “uma crónica de cinema feita trinta minutos depois das estreias”. Às 00:45, havia um noticiário dentro do programa.

Um elemento fundamental do seu programa foi a publicidade, para ele, muito estudada: “o disco acabava e entrava outro anúncio. Aquilo começou a tornar-se muito falado. Os jornais faziam crítica, começaram a dizer. Um deles, ainda tenho lá essa crítica. Diz: «depois da meia-noite, a única rádio que se pode ouvir é o programa *Última Hora*»”³⁵. Era um texto do *Norte Desportivo*, onde ele disse: “mudo todas as semanas os textos da publicidade, escolho as casas patrocinadoras do programa”³⁶. Esse mesmo jornal ia mais longe, ao comentar que, regra geral, “os emissores portuenses metem um bocadinho de música entre a avalanche de anúncios”³⁷.

Nessa altura, chegou a ganhar mensalmente perto de vinte contos. Por comparação, Artur Agostinho, já com enorme prestígio na Emissora Nacional, teria um valor fixo de cerca de oitocentos escudos por mês. Carlos Silva também ganhava setecentos ou oitocentos mensais como locutor profissional na Rádio Porto, mas a produção do programa e a publicidade angariada melhorou muito

³³ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

³⁴ *Norte Desportivo*, 20 de dezembro de 1953.

³⁵ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

³⁶ *Norte Desportivo*, 20 de dezembro de 1953.

³⁷ *Norte Desportivo*, 14 de novembro de 1957.

o seu nível de vida. Isso foi visível nos automóveis que foi trocando: “tive um carro que ainda hoje há pessoas que me dizem: «aquele teu carro, aquele teu Peugeot amarelo, descapotável, era uma maravilha»”³⁸. Retiro alguns exemplos dessa publicidade³⁹:

“Carlos Silva: não varra os seus problemas p’ra debaixo do tapete...

“Olga Cardoso: Procure a Confidente que lhos resolverá a seu contento, porque a Confidente é altamente especializada em compras, vendas e hipotecas de propriedades...

“Carlos Silva: A Confidente no Porto, rua Passos Manuel, e em Lisboa, Rossio 3”.

Sobre a confeitaria e pastelaria Cunha, a dias da sua abertura, com som de estalada:

“1ª voz: ai, seu atrevido... a espreitar pelo buraco da fechadura...

“2ª voz: desculpe, mas realmente estou «em pulgas» para ver as novas instalações da Cunha.

1ª voz: ora, espere mais uns dias e depois dirá: assim... até dá gosto”.

“Onde se come bem? Na Arca de Noé. Snack, restaurante e café... Sá da Bandeira, esquina de Fernandes Tomás”.

“Nos Invictos supermercados, cada compra é uma economia. Veja agora as sensacionais ofertas especiais nos oito Invictos. Preços verdadeiramente impressionantes”.

“Ao passar em Santa Catarina vale a pena dar uma espreitadela para as montras da Papélia. Papélia, um mundo de coisas para o seu lar e para o seu escritório”.

“Mini-preços, maxi-qualidade na grande Confiança de Santa Catarina”.

“Veja no teatro Sá da Bandeira *Querida Mamã*, mais um triunfo na carreira de Laura Alves... *Querida Mamã*... êxito em toda a parte e agora também no Porto”.

“Oliva, máquina de costura portuguesa de categoria internacional. Oliva, máquina de costura de Portugal”.

³⁸ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

³⁹ Coleção particular de Carlos Silva.

“Sacor – Boa noite, senhor automobilista. Os 60 minutos que se sequegem são seus. Como vê, não o esquecemos e graças à Sacor, você estará connosco todas as noites”.

“O Renault 16 TS é o carro que multiplica os aperfeiçoamentos para encurtar os quilómetros. Renault chegou e... ultrapassou”.

“Há quem toque de ouvido. Mas se gosta de ouvir música nas melhores condições, aconselhamos-lhe o gira-discos Teppaz”.

“Niepoort, um velho Porto que sabe a quem sabe”.

Os anúncios mostram uma forma de fazer rádio de proximidade, com muitas marcas familiares que ilustram uma topografia comercial, cultural e de consumos específicos. A “baixa” do Porto entre a rua Passos Manuel e a rua de Fernandes Tomás, entre a rua de Santa Catarina e a rua de Sá da Bandeira, em torno do mercado do Bolhão, estava toda envolvida, um bairro ou centro comercial ao ar livre com lojas pequenas mas dinâmicas e marcas próprias de papelarias, vestuário, supermercados, restaurantes e pastelarias, compra e venda de propriedades. Mas também do outro lado do “vale” da avenida dos Aliados, ao longo da rua dos Clérigos. Além do consumo novo tecnológico e de espetáculos (automóveis, combustíveis, gira-discos, teatro) e ligado a atividades laborais (máquinas de costura). Lojas, lojistas e clientes, automóveis e transportes, cafés, cinemas (Batalha, Águia d’Ouro, Passos Manuel) e jornais (*O Primeiro de Janeiro* ficava na rua de Santa Catarina, onde ao domingo ao fim da tarde também se imprimia o *Norte Desportivo*) davam uma fisionomia à cidade, que se transformou. Aliás, muitas das lojas e produtos mencionados acima já desapareceram. A rádio unia as atividades e as profissões, com estúdios instalados na rua de Santa Catarina (Electromecânico), na rua Fernandes Tomás (Orsec), na rua Alferes Malheiro (Ideal Rádio), na rua dos Clérigos (Rádio Porto).

Na publicação *A Voz dos Ridículos*⁴⁰, encontramos nos anúncios a mesma quadrícula geográfica: Costa Pina & Vilaverde (Rua Formosa, 297), com vinhos e espumantes Constantino, A. J. Moreira (Rua de Trás, 16), com os motores Rabor, Pomada Esmerante (Rua das Flores, 291), Casa das Sementes, de César Santos (Rua Formosa, 380), guarda-sóis Bangú (Rua das Flores, 291) e

⁴⁰ *A Voz dos Ridículos*, nº 1, junho de 1956.

Armazém Popular (Praça Almeida Garrett, 7), loja de vestário e patrocinadora do concurso Pergunta Popular no programa de rádio *A Voz dos Ridículos*. A Pergunta Popular pretendia uma definição curta, objetiva e humorística dada pelos ouvintes do programa de rádio, com a melhor resposta a receber um prémio. Um dos exemplos: “O que é um pedreiro? É aquele que volta e meia dá um tiro no trabalho”⁴¹.

Além da realização de programas próprios e de locução de continuidade, ler anúncios não se resumia à emissão do estúdio. Carlos Silva acompanhava em direto dos estádios as transmissões desportivas, com o locutor desportivo Aníbal Barroso. Nessa condição, esteve na inauguração do estádio das Antas e nas finais das taças europeias ganhas pelo Benfica na década de 1960. A exemplo do que fazia no Porto, considerado um dos mais populares apresentadores de espetáculos⁴², passou também a fazê-lo em Lisboa, num convite que partiu do locutor Humberto Madeira, ligado à agência de publicidade APA, com programas semanais de variedades no cinema Éden, nos Restauradores.

Uma nota sobre *A Voz dos Ridículos*

Com o decorrer dos anos, a programação ficava mais variada. Rapidamente, recordo o popular programa de humor *A Voz dos Ridículos* e uma expressão aí utilizada. Transmitido aos domingos às 13:00 na Ideal Rádio, dos Emissores do Norte Reunidos, a partir também de 1953, o programa criou uma espécie de folhetim humorístico, onde um dos maiores imitadores da época, Mena Matos, criou a expressão *pincha, Malaquias, pincha*⁴³. Podemos atribuir à expressão o presente valor de “desenrasca-te”, tão popularizada nas décadas de 1950 e 1960 e usada a propósito e a despropósito (equivalente ao mais recente “não havia nexexidade”, de Herman José, na personagem do provedor Diácono Remédios). Assim como o *trabalha dedo, não tenhas medo*, a expressão “refrão” de um dos intervenientes quando “usava” o telefone para fazer queixas de teor social, para a Câmara, a caixa de previdência, um hospital ou qualquer serviço público que

⁴¹ *A Voz dos Ridículos*, nº 1, junho de 1956.

⁴² *Rádio & Televisão*, 9 de março de 1969.

⁴³ Com base em email de Rui de Melo, locutor, realizador de rádio e docente universitário, por solicitação minha sobre a expressão *pincha, Malaquias, pincha* (3 de julho de 2012). Na linguagem popular do Porto, *pinchar* significa *saltar*.

estivesse ao alcance da crítica popular. Mena Matos era uma das figuras maiores (o linotipista) e como autores sobressaíam João Manuel, o diretor do programa, Bê Veludo e Antero Nunes (posteriormente aproveitados pelos Parodiantes de Lisboa), António Santos (o Bigodes de Arame) e Alberto Caldeira (o homem dos discos). Também havia cantigas, ao jeito de revista, com o maestro José Quelhas ao piano, a orquestra *Vou Ali e Já Venho* e o locutor Ferreira da Cunha (o repórter) a cantar com letras trabalhadas sobre músicas populares mas de temas de incidência crítica diversificada. Todos funcionavam como um grupo de amigos e a receita publicitária era distribuída ao estilo “cooperativa”. O programa *A Voz dos Ridículos*, criado no Portuense Rádio Clube, manteve-se na Ideal Rádio, passou incólume à compra dos Emissores do Norte Reunidos pela Emissora Nacional e à nacionalização de dezembro de 1975. Só saiu daquela antena, a emitir da rua Alferes Malheiro, no Porto, porque a estação fechou. Na década de 1980, passou para a Rádio Festival, onde se mantém (embora sem o fulgor de outrora).

Empresas de discos

Do mesmo modo que as rádios estavam associadas a lojas de eletrodomésticos, também existe essa relação com as editoras de discos. A Valentim de Carvalho e a Arnaldo Trindade, por exemplo, eram lojas antes de se lançarem na produção de discos, o que quer dizer atividade industrial. Esta corresponde à abertura de novos negócios e a um consumo maior.

A relação com os produtores e vendedores de discos era uma atividade essencial de um locutor-programador de rádio, como diz Carlos Silva:

“Eu tinha muito gosto naquilo e comecei a interessar muita gente: o Arnaldo Trindade, a Rádio Triunfo, que eram produtores de discos. O Arnaldo Trindade tinha a representação em Portugal dos discos da Vogue. [...] o Figueiredo aqui da rua Santo António, que era malas, carteiras de senhora, também tinha uma secção de discos. [...] A partir dessa altura, todos os dias fazia a minha ronda pelas capelinhas. Ia ao Arnaldo Trindade, ia ao Figueiredo: «então, o que é que há

de novo»? E eles emprestavam-me os discos para eu tocar e eu tocava as novidades todas. Claro, tocava e devolvia, tudo muito limpinho”⁴⁴.

Ora, o Porto, em especial a partir da década de 1950, começou a concorrer com as etiquetas produzidas em Lisboa. Se, aqui, a Valentim de Carvalho (e a Sasseti em menor grau e mais tarde) marcava presença, no Porto constituía-se a sociedade Rádio Triunfo, dedicada à produção de discos, com os sócios Rogério Leal, José Cândido Silva e Manuel Lopes da Cruz, em março de 1946. A inauguração da fábrica ocorreu em 1947⁴⁵. A primeira loja comercial abria na rua de Santa Catarina (Porto) em 1957, alargando-se para outras lojas: rua de Santo António, hoje 31 de Janeiro (Porto), em 1961, e rua do Carmo (Lisboa), em 1962. 1957 foi uma data importante na história da empresa, com o início dos cortes dos acetatos e da produção das matrizes de cobre em Portugal, atividades até aí feitas fora da fábrica do Porto. Além da produção dos discos de 78 rpm, a fábrica iniciou a produção de discos de microgravação (45 rpm). Como eram feitos os acetatos e os discos? Para uma antiga operária de fábrica de discos:

“O disco é feito numa bobina, gravação feita no estúdio com bobinas. Da bobina passa para um acetato que é uma massa preta onde faz a gravação. A máquina faz uma gravação no acetato, da bobina para o acetato, do acetato vai para a fábrica, para um laboratório onde faz... é prensada uma matriz que é feita a níquel, é gravado lá, leva os banhos, é limpo, passa por várias formações até ficar a matriz limpa para ser aprovada por uma pessoa que está a aprovar a música para ver se tem certos defeitos para poder ir para a fábrica e depois na fábrica a matriz é posta numa prensa, uma máquina de prensar discos, onde se põe um bolo da pasta para os discos, que é o vinil, chamada a massa do vinil, que sai de uma máquina em bola. Um bolo que se põe numa prensa onde se põe uma etiqueta, o A em cima, a etiqueta da face A em cima e a B em baixo, onde é impresso as determinadas músicas que está impressa na matriz. Fecha-se a prensa, o disco fica prensado, corta o disco, a máquina corta, o disco sai com uma ventosa, ainda vai para a audição”⁴⁶.

⁴⁴ Entrevista de Carlos Silva concedida ao autor em 13 de agosto de 2012.

⁴⁵ J. A. T. Lourenço (coord.) (1997). *A grande aventura da gravação: 100 anos de gravação sonora, 1877-1977*.

⁴⁶ Entrevista de Salomé Saraiva concedida ao autor em 1 de janeiro de 2013.

Na Rádio Triunfo, a produção de discos estereofónicos começou em 1969⁴⁷. No ano seguinte, abriu a secção de cassetes e cartuchos, enquanto que em 1973 se instalava uma linha de produção de alta velocidade. Ainda em 1973, abririam delegações em Angola e Moçambique. Em março de 1974, eram inaugurados estúdios de gravação em Lisboa. A Rádio Triunfo englobava, entre outras, as etiquetas Alvorada, Melodia, Harmonia e RT, e teria no seu catálogo, pelo menos no começo da atividade de artistas e cantores, nomes como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Simone de Oliveira, Madalena Iglésias, António Calvário, Fernando Farinha, Tony de Matos, Maria de Lurdes Resende e José Afonso. A mudança de regime político em 1974 traria alterações à vida da empresa, com diversos artistas das suas etiquetas a sofrerem eclipse total ou quase total, dada a identificação musical (música ligeira), num momento em que irromperam outras estéticas, e as filiais fora de Portugal fechariam, dada a independência das colónias.

Outra editora nascida no Porto foi a Arnaldo Trindade, empresa importante para a divulgação da música de contestação, apesar do proprietário não ter uma inclinação política desse sentido. Arnaldo Trindade estivera com frequência nos Estados Unidos e capturou a cultura musical daquele país, prova evidente de homem cosmopolita num país enclausurado politicamente. Tendo como negócio de base uma importante loja de eletrodomésticos na rua de Santa Catarina, no Porto, a que juntou a venda de discos, ele distribuiu títulos de cantores em voga franceses (Johnny Halliday, Françoise Hardy, Serge Gainsbourg) e ingleses (Sandie Shaw), mas também as etiquetas Island (soul music, rythm'n'blues) e Tamla Motown (reggae e soul)⁴⁸. Numa dessas visitas aos Estados Unidos, ele comprou uma máquina de gravação Ampex, de quatro pistas, e começou a gravar em 1952. Iniciou a etiqueta Orfeu em 1956 e publicou discos do Conjunto Pedro Osório, Titãs, Conjunto Sousa Pinto, Pop Five Music Incorporated, mas também do Conjunto Maria Albertina, Conjunto António Mafra e Quim Barreiros, num nítido apoio à produção discográfica do norte do país. Arnaldo Trindade notabilizou-se ainda pelas estratégias de promoção: oferta de fonogramas às estações de rádio, organização de concertos (exemplos: Elton

⁴⁷ J. A. T. Lourenço (coord.) (1997). *A grande aventura da gravação: 100 anos de gravação sonora, 1877-1977*.

⁴⁸ Losa, 2009: 76.

John, Marino Marini, Sandie Shaw, Sylvie Vartan), publicidade televisiva e sistema contratual com os intérpretes, com pagamento de remuneração mensal tendo como contrapartida a gravação de um fonograma por ano (casos de Adriano Correia de Oliveira e José Afonso). Aliás, uma das músicas do disco *Com as minhas tamanquinhas* (1976), de José Afonso, tem o contributo inigualável mas quase impensável de Quim Barreiros, exímio tocador de acordeão. Estéticas musicais e política separavam-nos, a etiqueta Orfeu uniu-os. O dinheiro ganho com a venda de discos de Maria Albertina, António Mafra e Quim Barreiros permitiu o investimento em José Afonso e Adriano – era a ideia de catálogo, de múltipla oferta, a funcionar.

Conclusões

A minha comunicação, nos sessenta anos de criação dos Emissores do Norte Reunidos, trouxe aqui o seu exemplo e, por oposição, o fracasso de outra estação, o Portuense Rádio Clube. Também em 1953, um novo horário de programas, o de madrugada, *Última Hora*, representou uma boa novidade para o panorama da rádio no Porto.

A direção da estação Portuense Rádio Clube, ao querer manter-se isolada das outras pequenas estações, não criou uma estrutura e desapareceu. As estações reunidas em torno dos Emissores do Norte Reunidos em 1953 eram de modelo familiar e comerciais (vendiam eletrodomésticos) e abraçaram a publicidade como garantia de mais retornos financeiros. Os proprietários das cinco estações compreenderam que, através de uma associação, se tornavam mais fortes. O Portuense Rádio Clube era uma instituição que andava à procura do modelo comercial, que nunca implementou adequadamente. O Portuense funcionou como modelo inicial mas não soube adaptar-se, ao passo que os Emissores do Norte Reunidos imitaram aquele clube em termos de alguma programação e atraíram locutores, produtores e autores, conquistando rapidamente esse espaço. Em dois anos (da fundação dos Emissores do Norte Reunidos à venda do terreno do Portuense Rádio Clube) houve um esquecimento da cidade face ao impacto e novidade que o Portuense Rádio Clube representou. A publicidade foi o suporte das estações de rádio. Ela começou a ser tolerada em 1946 e regulada no final de 1948. O Portuense Rádio Clube também ganhou dinheiro com a

publicidade mas as querelas internas afastaram-na dela, lucrando as estações dos Emissores do Norte Reunidos.

A profissionalização foi avançando lentamente. Fernando Gonçalves, antes de enveredar pelo mundo da música e da rádio (programa *Festival*, diretor comercial da Electromecânico), fora funcionário da APT, a companhia inglesa de telefones⁴⁹. Carlos Silva era vendedor da Oliva, uma marca de máquinas de costura, antes de passar a tempo inteiro para a Rádio Porto e, depois, Emissores do Norte Reunidos. Mena Matos foi funcionário da Câmara Municipal do Porto, mas a sua fama de imitador requisitava-o amiúdes vezes para várias partes do país⁵⁰. Num país de maior dimensão, certamente teria uma vida profissional fabulosa. Dele e sobre ele não conheço nenhuma biografia ou tese de mestrado ou doutoramento. Se calhar vale a pena começar: a memória da rádio pede com urgência. E de outros profissionais como Nuno Brás, possivelmente o relator desportivo do Porto mais conhecido a nível nacional. A sua vida profissional começou exatamente em 1953, há 60 anos.

No conjunto, os Emissores do Norte Reunidos criaram um modelo próprio de estrutura empresarial (emissor único, estúdios centralizados, ligação a produtores musicais, que também exploravam comercialmente as estações) e uma estética de programação (folhetins, humor como *A Voz dos Ridículos*, publicidade, programas musicais ao vivo, campanhas de solidariedade, como a da Casa do Gaiato, do padre Américo). O sucesso verificou-se junto das classes populares (classe operária, empregados, lojistas e proprietários de pequenos negócios), que se reviam nas pequenas estrelas locais ou regionais dos espetáculos musicais e folhetins. Aqui, havia uma distinção face à cultura de elite e de regime da Emissora Nacional e da cultura mais cosmopolita do Rádio Clube Português, acentuada aqui a partir de 1963 com a programação autónoma de FM.

Última Hora foi um programa iniciado em 1953 e exemplo de sucesso de emissão noturna, pois se manteve acima dos quinze anos em antena. De programa musical calmo, passou a incluir rubricas como cinema e noticiário. O

⁴⁹ Entrevista de Jorge Santos concedida ao autor em 8 de agosto de 2012.

⁵⁰ Entrevista de Jorge Santos concedida ao autor em 8 de agosto de 2012.

auditório criado estava recetivo à publicidade local e a novos consumos, o que levou as marcas e firmas a investirem na publicidade escrita por Carlos Silva.

Quero realçar aqui outro aspeto, o do comerciante antes do industrial, verificado quer na indústria da rádio quer na edição de fonogramas, que corresponde a uma reconfiguração de atividades. A atividade inicial (loja de eletrodomésticos) passaria a atividade secundária, com a atividade da música (transmissão de concertos ou espetáculos de variedades, produção de discos), o que pode representar uma mudança de geração de proprietários ou um alargamento de sociedades empresariais.

Bibliografia

Losa, Leonor (2009). “*Nós humanizamos a indústria*”. *Reconfiguração da produção fonográfica e musical em Portugal na década de 60*. Tese de mestrado defendida na Universidade Nova de Lisboa

Lourenço, J. A. T. (coord.) (1997). *A grande aventura da gravação: 100 anos de gravação sonora, 1877-1977*. Porto: Rádio Triunfo

Maia, Matos (1995). *Telefonia*. Lisboa: Círculo de Leitores

Russo, Rogério (1955). *Fariseus da rádio*. Porto: Tip. Liv. Progredior